

(MAS QUEM LIGA?)

Hoje, 18 de maio de 2025, termina a 23ª Semana Nacional de Museus, evento anual promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e que mobiliza museus e outras instituições associadas em todo o Brasil, oferecendo uma variedade de atividades culturais e educativas ao público em geral. Com isso, pretende-se promover a valorização do patrimônio cultural e fortalecer a relação das instituições museológicas com a sociedade. A Semana iniciou no último dia 12, segunda-feira, e está finalizando exatamente no Dia Internacional de Museus.

Tradicionalmente, durante a Semana Nacional de Museus os visitantes podem desfrutar de exposições temporárias que abordam temas específicos, mostram peças de acervo e ofertam palestras, oficinas e seminários. Há participação e mediação de especialistas em museologia, história, ciência, arte e cultura, dentre outras áreas, em uma diversidade de atividades que teria tudo para alcançar todos os públicos e gostos – para a presente edição foram cadastradas 3.190 atividades! Há opções tanto para visita presencial às instituições como para participação via internet, em plataformas como YouTube, Instagram, TikTok e Kwai. O modo remoto é perfeito para se vencer as barreiras da distância e poder visitar on-line instituições de outras localidades. Teve dia, por exemplo, que, em questão de minutos, eu saí do sul de Minas Gerais e cheguei ao interior do Piauí, tudo graças às ondas da internet.

Assim, de minha parte, tenho convicção de ter aproveitado adequadamente o evento. Participei de atividades em todos os dias e conheci museus que eu sequer imaginava a existência, além de ter revisitado outros velhos conhecidos, mas em abordagens novas. Assim entrei no Kwai, aplicativo em que sequer tenho conta, para visitar o Parque da Ciência do **Museu da Vida**, da Fiocruz, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma instituição que frequento corriqueiramente; mas olhar o Museu da Vida pelo celular, clicando em determinadas áreas para acessá-las, no melhor estilo Google Street, foi uma baita novidade. Abaixo há capturas da tela do meu celular enquanto eu fazia a caminhada virtual, durante a qual vi novidades, como um relógio solar (ao centro da imagem da esquerda), dentre tantas outras coisas legais que a ciência pode oferecer. O que não é novidade para mim é o fato do Museu da Vida ser sempre muito interessante. Recomendo demais a visita e deixo aqui o Instagram da instituição para quem quiser seguir: @mueudavidafiocruz.

FOGÃO SOLAR

A luz do Sol pode cozinhar alimentos?

O QUE FAZER

- ⚠️ **Atenção!** Peça ajuda a um mediador ou a um adulto.
- Aponte o equipamento para o Sol, de modo que ele receba luz direta. Observe se a base está alinhada à própria sombra (figura 1).
- Aproxime sua mão aberta da grade, sem tocá-la (figura 2). Qual parte está mais quente, o centro ou a borda?
Atenção! Não coloque a mão embaixo da grade para não se queimar.
- Pegue uma folha seca ou um pedaço de papel e coloque parte dela sob a grade (figura 3), na região mais quente.
- Mova a folha até encontrar o local em que a luz se concentra em uma pequena região e aguarde. **Atenção!** Não coloque a mão neste ponto.
- O que acontece com a folha?

1 2 3

Para saber o que está acontecendo, leia o verso deste painel.

Dentro da mesma linha científica, fui virtualmente à cidade de São Paulo, especificamente no **Museu da Vacina**, do Instituto Butantan, onde experimentei a sensação de desenvolver uma nova vacina por meio de RPG, com direito a registro na Anvisa e tudo mais. Jogos são um ótimo instrumento de aprendizagem e é reconfortante perceber que cada vez mais gente compreende isso. Abaixo estão capturas de tela do início e do final de minha aventura no RPG do Museu da Vacina. Se quiser conhecer o Museu da Vacina, o Instagram pode ser um ponto de partida: @museudavacina.



Visitas a exposições são muito boas, mas gosto muito também das palestras. Por conta da Semana Nacional de Museus, o **Museu de Anatomia**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disponibilizou no YouTube algumas palestras de curta duração, previamente gravadas. Eu assisti duas, uma sobre o lúdico e a outra, divulgação científica, ambas muito bem apresentadas. O canal do Museu de Anatomia no YouTube é @pordentrodocorpo, vale à pena seguir. Também curtos e previamente gravados são os vídeos lançados pelo **CosMuseu**, o **Museu Itinerante de Culturas Ancestrais**, de São José, Santa Catarina, instituição privada itinerante cujo canal é @caioventuraomestre4952. Eu não conhecia o Museu de Anatomia e nem o CosMuseu até olhar a programação da 23ª Semana Nacional de Museus e ter, em muito boa hora, minha curiosidade despertada.

A maioria das outras palestras que assisti no YouTube foi de maior duração e igualmente proveniente de instituições que eu nunca tinha ouvido falar, mas que passei a seguir com entusiasmo e, por isso, compartilho aqui os respectivos canais. São os casos do **MuCMAC**, o **Museu das Oraturas e Literaturas do Sul de Minas Gerais** – ou, simplesmente, **Museu da Conversa Macanuda** (canal @museumucmac) -, que me apresentou a peculiar forma de se trocar ideias na mineiríssima São Lourenço e adjacências; do **EcoMuseu do Off-Road**, em Nova Lima, também Minas Gerais, e que pesquisa, preserva, valoriza e comunica a história do município por meio das trilhas relativas à memória de sua população, turistas e esportistas; do **Museu de Arte Sacra de São Paulo** (canal @MuseuArteSacraSP), que detém acervo de mais de 18 mil peças remanescentes dos séculos XVI a XX; do **Museu da Cana** (canal @museudacana_sertaozinho), da cidade paulista de Pontal e que aborda as histórias, usos e tradições relacionados à cana-de-açúcar; da **Associação Nacional de História, Seção Rio Grande do Norte** (canal @anpuhrn), de Natal, que trouxe relevantes reflexões de inclusão em cidades do interior potiguar. Por fim, tive a chance de, em salas de reunião do Google Meet, participar de

atividades do **Museu Ozildo Albano** (canal @MuseuOzildoAlbano), de Picos, no Piauí, onde escutei sobre o uso terapêutico de algumas ervas nordestinas e a respeito da desigualdade preconceituosa entre bairros das cidades.

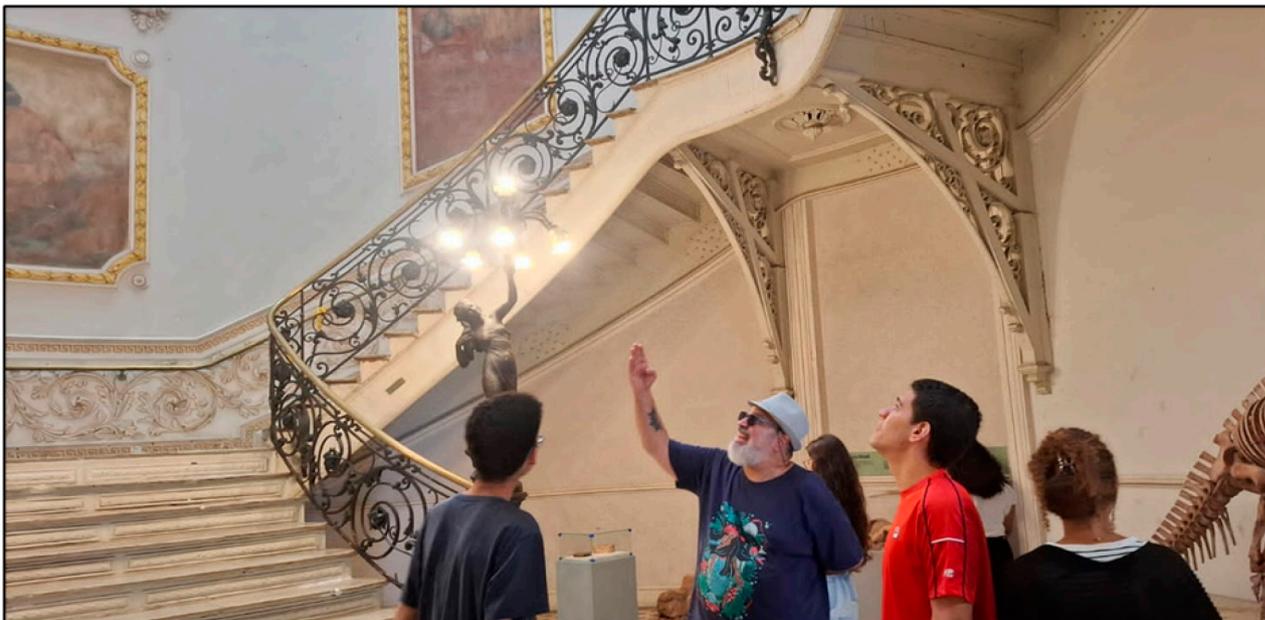
Todas essas atividades remotas que frequentei durante a 23ª Semana Nacional de Museus têm muitos pontos em comum. Como o fato de os museus organizadores serem, até então, desconhecidos para mim (exceto o Museu da Vida), a qualidade e a diversidade dos temas das apresentações. Isso, por si só, já me deixou um rico legado como herança da Semana. Mas um fator preocupante chamou minha atenção: o baixo número de ouvintes. Em algumas dessas apresentações, repletas de informações e com conteúdo relevante, o número de presentes poderia ser contado com apenas uma das mãos.

Mas por que tão poucas pessoas se interessam pela 23ª Semana Nacional de Museus, ao menos em termos de atividades remotas? Tenho cá minhas suposições. Em primeiro lugar, creio ser falha a divulgação do evento. Há uma página, <http://visite.museus.gov.br>, ligada ao Ministério da Cultura do Governo Federal e que concentra toda a vasta programação, OK, mas a real é que pouca gente tomou conhecimento dela. A própria página de programação não é lá muito amigável ou intuitiva, sendo necessário algum esforço para se fazer as buscas. Falta, por exemplo, uma divisão mais clara, prévia, entre atividades remotas e presenciais. As próprias atividades remotas, que, em tese, permitem a participação em atividades desenvolvidas em lugares distantes do domicílio, são muito raras e difíceis de se achar no buscador da página. Além disso, há pouco incentivo de participação. Penso que um evento dessa magnitude, com alcance nacional e vinculado à maior instância governamental deveria ter tratamento prioritário – o que está muito longe do fato.

Desenvolvendo mais essa linha de pensamento, creio que um dos públicos alvo de tal tipo de ação deveria ser o de jovens em idade escolar ou universitária, pois a divulgação ganha maior alcance quando se espalha sementes. Mas como posso esperar, ou mesmo cobrar, a presença de jovens nos museus se eles estão em aula? Eu mesmo, por conta de compromissos profissionais, sequer cheguei perto de assistir tudo que queria.

Não tenho dúvida em considerar que a suspensão das aulas, durante a Semana Nacional de Museus, deveria ser ao menos cogitada e discutida para as próximas edições. Mais até que a suspensão mera e simples de aulas, mas a sua realização nos museus participantes. Com ampla gama de temas e diversidade de programação, certamente não seria tão difícil para professores e pedagogos bolarem ações que lincassem aquilo que é ofertado pelos museus com o conteúdo programático de suas próprias disciplinas.

Fiz isso com as três matérias que ministro junto aos cursos de graduação do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO. Na manhã da última quinta-feira, dia 15, visitei com minhas turmas das disciplinas Técnicas de Trabalho em Zoologia (bacharelados em Ciências Biológicas e em Ciências Ambientais) e Ensino de Técnicas em Zoologia (licenciatura em Ciências Biológicas) o **Museu de Ciências da Terra** (Instagram @cienciasdaterramuseu), onde os discentes puderam ter contado não só com exemplares das coleções, mas principalmente viram possibilidades do uso do lúdico tanto para sala de aula quanto em ações de popularização da ciência. Já na parte da tarde, após a realização da primeira prova teórica relativa à disciplina, a turma de Zoologia de Artrópodos (bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas) foi convidada a também visitar o Museu de Ciências da Terra. Embora o material mais ligado ao conteúdo ministrado na disciplina, como trilobitas, insetos e aranhas fossilizados, estivesse momentaneamente indisponível, tenho certeza que os estudantes dessa última disciplina ficaram satisfeitos com a visita, a ponto de terem permanecido no museu até o horário de fechamento, quando foram gentilmente convidados à retirada. Vale ressaltar, referendando o que já mencionei acima, que dos cerca de cinquenta estudantes que me acompanharam nessa quinta-feira de felicidade e conhecimentos trocados, apenas um já sabia da existência da Semana Nacional de Museus – exatamente um que é estagiário no Museu da Vida, que abre esta conversa. Isso mostra a necessidade urgente de uma melhor divulgação para as edições futuras.



Por fim, ficam aqui minhas palavras de gratidão à existência da Semana Nacional de Museus e ao trabalho abnegado e hercúleo dos servidores que labutam, com muito amor e comprometimento, nessas instituições tão relevantes e que escancaram culturas, saberes, costumes, ciências e artes. E deixo meu incentivo eterno a todas e todos: visitem nossos museus.

Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

@elidiomar.ribeiro

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa* e colunista do portal *Fauna News*. Além de zoólogo por profissão e fã de carteirinha de museus, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.



Eu e a réplica do crânio de um gliptodonte, parente pré-histórico de nossos tatus

Expediente

Revista Barbante
Vol. XIII - Nº 96 - 18 de maio de 2025
ISSN 2238-1414
Periodicidade: Semanal

13 anos da revista Barbante

Editora-chefe

Rosângela Trajano da Silva

Editores-adjuntos

Janiara de Lima Medeiros

Monalisa Carrilho de Macêdo

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Ilustrações

Meta AI

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

BARBANTE

Revista Literária

ISSN 2238-1414 – 13 anos

Volume XIII – Núm. 96 – 18 de maio de 2025



Imagem: META AI

Conto

UMA TARDE QUENTE NA REPÚBLICA

Bruno Teixeira Dalaqua

PÁGINA 07